

Miley Cyrus e a Representatividade do Movimento LGBT na Mídia em 2015¹

Gabriel Holanda MONTEIRO²
Liana Viana do AMARAL³
José Riverson Araújo Cysne RIOS⁴
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O seguinte artigo pretende analisar tanto o papel da figura pública de Miley Cyrus como representante do movimento LGBT, através de suas ações na mídia (dando ênfase no período do ano de 2015), como também a repercussão de seus atos dentro da própria comunidade LGBT, que questiona, em parte, a representatividade exercida pela artista. Através de uma pesquisa realizada na rede social *Facebook*, foram coletados dados que podem dar sustentação ao trabalho, juntamente com a fundamentação teórica, abordando conceitos de comunicação de massa, visibilidade, não binarismo e cibercultura, através de autores como Thompson, Butler e Lévy, que foram de vital importância como base para a sua construção.

Palavras-Chave: Miley Cyrus; LGBT; Representatividade; Visibilidade; Comunicação de Massa.

Introdução

Miley Cyrus é um dos nomes mais comentados na mídia internacional nos últimos anos, seja pela televisão, pela internet, ou simplesmente pelos admiradores da cultura pop. Atriz, cantora e compositora, conquistou seu primeiro papel na televisão em 2006, com a série *Hannah Montana*, do canal infantil norte-americano *Disney Channel*, sendo vista pelo público infantil e, principalmente, pelos pais dessas crianças, como um modelo a ser seguido. Porém, em 2012, a cantora deu início a um longo, complexo e metódico trabalho de transformação de sua imagem pública, passando de uma garota comportada e modelo exemplar a uma mulher questionadora, provocativa e controversa.

Não peço desculpas por nada. Sempre vou fazer algo diferente. Se pudessem ver os detalhes, as pessoas entenderiam que não estou só zoando, é tudo pensado por mim. Toda decisão tem um plano maior por trás. Tem que fazer parte de um movimento. Temos que ser um exército

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda do I.C.A.-UFC, email: gabemont97@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, da UFC, e-mail: lianaamaral@yahoo.com

⁴ Co-orientador do trabalho e professor do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFC, e-mail: riverson@ufc.br

que se move junto. Cada passo tem que ser perfeito. Nada pode estar fora. Tem que ser novo, criativo e testar os limites. Tudo tem que parecer genuíno. (CYRUS, 2013)⁵

Tal mudança afetou desde seu visual, seu cabelo, suas roupas e suas performances, que passaram a ser cada vez mais excêntricos, polêmicos e provocativos, até seus posicionamentos, agora que ela expressava ainda mais o que pensava sobre os mais diversos temas: cultura, religião, sexo e, claro, política. Isso fez com que Miley, ao longo do processo, se engajasse nas mais diversas causas sociais, e uma delas é a luta pelos direitos da comunidade LGBT (composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, embora atualmente se questione a sigla devido à existência de diversas outras sexualidades e identidades de gênero). Ela também se assumiu, em 2015, integrante do movimento, revelando não apenas sua pansexualidade⁶, mas também sua identidade de gênero, ao se declarar não binária.⁷ A partir daí, só aumentaram os casos de ativismo da artista, que tem se preocupado com os direitos dessa minoria social e tentado trazer uma maior visibilidade para este setor que vem sendo marginalizado ao longo da história.

Miley chocou e incomodou não apenas a sociedade tradicional norte-americana, mas a de diversos locais. A ex-queridinha da América não apenas se tornou um *sex symbol*, com um visual extravagante e performances altamente provocativas, mas também uma protagonista na luta pelo uso da maconha, pelos direitos das mulheres, da comunidade LGBT e dos animais. Já dentro do movimento LGBT, há controvérsias quanto às atitudes da artista como tendo efetividade na representatividade desse setor, visto que alguns concordam com o que ela vem fazendo e outros a criticam, não a enxergando como uma porta-voz de fato. A cada ação da cantora, tem-se uma grande repercussão e muito se discute na internet, principalmente nas redes sociais como o *Facebook*, onde a comunidade mais se articula atualmente. Afinal, Miley Cyrus realmente representa o setor LGBT? As opiniões são as mais diversas possíveis, e, por isso, fez-se uma pesquisa (realizada na forma de entrevista-questionário, com perguntas objetivas e subjetivas) na própria rede social, entre os integrantes LGBT de diversos lugares do Brasil, para se avaliar o desempenho de Miley na tentativa de representar essa grande gama de minorias.

⁵Disponível em <http://www.mtv.com.br/programas/miley-the-movement/episodios/miley-the-movement/video/miley-cyrus-the-movement-962774/>. Acesso em 27/05/2016.

⁶ Define-se como pansexualidade a orientação sexual em que se sente atração sexual por quaisquer seres humanos, sejam quais forem suas identidades de gênero ou orientações sexuais. Distingue-se da bissexualidade, que é a atração sexual por homens e mulheres cisgêneros (que se identificam completamente com o gênero designado no nascimento).

⁷ Indivíduos não binários são aqueles que não se identificam, em sua totalidade, com um dos dois gêneros do sistema binário (masculino e feminino), transitando entre os dois das mais diversas formas possíveis.

1. O Ativismo de Miley como LGBT

Antes de se assumir publicamente como uma integrante da comunidade LGBT, Miley já defendia a causa de diversas formas, seja através de suas músicas, discursos, ou até mesmo seu próprio corpo. Em 2010, a artista escreveu uma música dedicada ao movimento (e em especial a um amigo íntimo da época e assumidamente gay, Scotty Cunha) chamada *My Heart Beats For Love*.

Eu tenho uma (música) que se chama ‘My Heart Beats For Love’, que eu escrevi para o meu melhor amigo, que também é meu cabeleireiro, que é gay, e eu escrevi para ele sobre, você sabe, como as pessoas podem julgar, então acho que o amor é tipo uma moral que eu tenho e que coloquei em minhas canções e eu acho que isso é realmente importante: (...) dizer às pessoas para não discriminarem, não julgarem, e serem apenas abertas para o mundo. (CYRUS, 2010, tradução nossa, informação verbal)⁸

Já em 2012, Miley fez uma tatuagem com o símbolo matemático de igualdade (=) em um dos dedos anelares, em homenagem ao casamento homoafetivo. Em carta escrita à revista *Glamour*, a artista contou que ao postar a foto da tatuagem em sua conta no *Twitter*, várias pessoas a menosprezaram e disseram “O que aconteceu com você? Você costumava ser uma garota cristã!”, ao que ela respondeu: “Bem, se você fosse um verdadeiro cristão, você saberia a verdade. Cristianismo é sobre o amor.” (CYRUS, 2012, tradução nossa)⁹

Foi a partir de 2015 que Miley deu ênfase na luta pelos direitos LGBT. Em maio, ela inaugurou a fundação *Happy Hippie*. Em entrevista à agência de notícias AP, disse que ficou inspirada pela atenção que foi dada ao jovem sem-teto Jesse Helt (que recebeu em nome da artista o maior prêmio da noite no palco do *MTV Video Music Awards*¹⁰ 2014) e pelo suicídio da jovem transgênera Leelah Alcorn em dezembro de 2014. Pontuou, ainda, os 1,6 milhão de jovens sem-teto nos Estados Unidos, dos quais 40% são LGBT. Assim, a fundação auxilia a juventude sem-teto e LGBT do país, e pretende aumentar sua aceitação na sociedade. A artista promoveu a divulgação da fundação através de campanhas na internet, de entrevistas e, principalmente, de uma coleção de vídeos publicados no *youtube* que ela chamou de *The Backyard Sessions*. As performances contam com letras de apoio à

⁸ “I have one that’s called ‘My Heart Beats For Love’, which I wrote for my best friend, who is also my hairstylist, who is gay, and I wrote it for him about how, you know, people can be very judgmental, so I think love is kind of like, the, you know, morals that I have that I put into my songs and I think that’s really important: (...) telling people not to discriminate, not to judge and just be open to the world.” Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tv1oIlujB5Y>. Acesso em 27/05/2016

⁹ “They said, ‘What happened to you? You used to be a Christian girl!’ And I said, ‘Well, if you were a true Christian, you would have your facts straight. Christianity is about love.’” Disponível em <http://www.glamour.com/story/why-miley-cyrus-got-her-gay-marriage-tattoo-glamour-march-2012>. Acesso em 27/05/2016.

¹⁰ Uma das maiores premiações da música pop, exibida anualmente pela emissora norte-americana MTV.

comunidade LGBT e que tocam principalmente em questões de gênero e autoaceitação. Na mesma entrevista, afirma que “nem todas as suas relações foram heterossexuais”, mas não comenta mais sobre o assunto (CYRUS, 2015, tradução nossa)¹¹. De acordo com o *site* da fundação, “A *Happy Hippie Foundation* é uma organização sem fins lucrativos fundada por Miley Cyrus. Nossa missão é mobilizar pessoas jovens para lutar contra a injustiça enfrentada pelos jovens sem-teto, pela juventude LGBTQ e outras populações vulneráveis.” (FOUNDATION, 2016, tradução nossa)¹²

No mesmo mês, em entrevista à revista *Out*, Miley contou que já passou um bom tempo tendo dificuldades para lidar com expectativas tradicionais de gênero e afirmou que não se identifica com um gênero (ou seja, se definiu como não binária). Segundo Cyrus (2015, tradução nossa): “Eu não queria ser um garoto. Eu queria meio que ser nada, não me identifico com o que as pessoas definem como garota ou garoto, e acho que é isso que eu tinha que entender: ser uma garota não é o que eu odeio, é a caixa em que fui colocada”.¹³ De acordo com Áran e Peixoto Júnior (2006), o gênero é uma norma que está sujeita a subjetivações, e que nem todos estão categorizados na divisão binária de gênero (homem e mulher).

Se o gênero é uma norma, não podemos deixar de lembrar o que há de frágil na sua incorporação pelas subjetividades. Há sempre uma possibilidade de deslocamento que é inerente à repetição do binarismo masculino-feminino. Não é à toa que, como afirma Butler, expressões tais como “problemas de Gênero”, “gender blending”, “transgêneros” e “cross-gender” já sugerem o ultrapassamento deste binarismo naturalizado. (BUTLER, 2006, p. 60 *apud* ÁRAN; PEIXOTO JÚNIOR, 2007, p. 136)

Butler (2010) afirma que a heterossexualidade institucionalizada acaba por firmar o binarismo de gênero, impondo que estas são as únicas formas de gênero e sexualidade, o que para ela não é verdade. É através da fuga ao não binarismo que se pode quebrar a hierarquia de gênero da sociedade.

¹¹ “Not all her past relationships were ‘straight, heterosexual’ ones.” Disponível em <http://bigstory.ap.org/article/db95fb9b4f794c6c800bf6c82912cf9b/miley-cyrus-bruce-jenner-pink-arpits-her-new-charity>. Acesso em 27/05/2016.

¹² “The Happy Hippie Foundation is a nonprofit organization founded by Miley Cyrus. Our mission is to rally young people to fight injustice facing homeless youth, LGBTQ youth and other vulnerable populations.” Disponível em <https://www.happyhippies.org/#our-work>. Acesso em 27/05/2016.

¹³ “I didn’t want to be a boy, I kind of wanted to be nothing. I don’t relate to what people would say defines a girl or a boy, and I think that’s what I had to understand: Being a girl isn’t what I hate, it’s the box that I get put into. Disponível em <http://www.out.com/music/2015/5/05/exclusive-miley-cyrus-launches-anti-homelessness-pro-lgbt-happy-hippie-foundation>. Acesso em 27/05/2016.

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O fato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo. O deslocamento estratégico dessa relação binária e da metafísica da substância em que ela se baseia pressupõe que a produção das categorias de feminino e masculino, mulher e homem, ocorra igualmente no interior da estrutura binária. (BUTLER, 2003, pp. 45-46)

Assim como Butler, filósofa feminista, Miley Cyrus não se sente próxima do binarismo de gênero. Em entrevista à versão britânica da revista *Elle*, a artista comenta que ao postar uma foto com uma camiseta em que se lia “O Gênero Acabou”, foi atacada por uma revista religiosa que a acusava de publicar fotos que deveriam envergonhar seu pai. Na mesma entrevista, ao ser perguntada o que seria o seu mundo sem gênero, responde:

Quando um bebê nasce, parece óbvio: é menina ou menino. Acredito que nascemos simplesmente humanos e podemos escolher mais tarde o que desejamos ser. (...) Sou uma feminista, sei que ainda há desigualdades, mas não me relaciono com pessoas que acham que os homens são aqueles que fazem esportes e comem carne, enquanto as mulheres devem usar vestido e fazer as unhas. (CYRUS, 2015, p. 254)

Na mesma ocasião, Cyrus assume sua sexualidade: “Sou pansexual.” (CYRUS, 2015, tradução nossa)¹⁴ A pansexualidade é um tipo de orientação sexual que se caracteriza pela atração por qualquer indivíduo, seja qual for sua orientação sexual ou identidade de gênero; é comumente confundida com a bissexualidade, que é a atração sexual por homens e mulheres cisgêneros (que se identificam completamente com o gênero designado no nascimento). Miley tem consciência de seu grande poder de visibilidade, por ser uma figura pública reconhecida internacionalmente. Como uma pansexual não binária, sabe que tem uma voz e que pode usá-la para dar espaço e representar uma grande gama de pessoas. É esse o objetivo dela: ser uma porta-voz LGBT. “Ser uma pop star parece a coisa mais idiota de todos os tempos. Agora, se eu tenho tanta influência, é importante que eu a use.” (CYRUS, 2015, p. 254)

É importante que Miley tenha consciência de que é uma pop star e pode usar tal influência. A cultura pop e a comunicação de massa estão intrinsecamente relacionadas. Thompson (2014, p. 53), em sua obra “*A Mídia e a Modernidade*”, define a comunicação de massa como a “produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico”. Trata-se da busca

¹⁴ “I’m pansexual.” Disponível em <http://www.elleuk.com/now-trending/miley-cyrus-interview-october-2015>. Acesso em 30/05/2016.

pelo consumo máximo, procurando levar determinada informação ou produto a um número máximo de pessoas. Ao analisar algumas características da comunicação de massa, aponta:

Os produtos da mídia são disponíveis, em princípio, a uma pluralidade de destinatários. Eles são produzidos em múltiplas cópias ou transmitidos para uma multiplicidade de receptores, e permanecem disponíveis a quem quer que tenha os meios técnicos, as habilidades e os recursos para adquiri-los. Nesse aspecto, a comunicação de massa se diferencia de outras formas de comunicação. (THOMPSON, 2014, p. 57)

Miley Cyrus é um produto da cultura pop disseminado pela comunicação de massa nas mais diversas plataformas, e tudo o que ela faz pode não apenas chegar ao conhecimento de um grande número de pessoas, como também influenciá-las. Com o passar do tempo, a artista tem aprendido a usar esse poder cada vez mais a favor de outras pessoas, dando visibilidade a minorias sociais. Thompson (2014), na mesma obra, trata das relações de visibilidade midiática de forma bastante pertinente:

Podemos sentir certo grau de familiaridade com as personalidades e os líderes políticos que aparecem regularmente na televisão e na mídia. Podemos até considerá-los amigos, e referimo-nos a eles com certa intimidade. Mas sabemos também que eles aparecem diante de milhares ou milhões de outros, que eles são acessíveis a muitos outros além de nós. (THOMPSON, 2014, p. 161)

Dessa forma, Miley consegue dar visibilidade à comunidade LGBT e ao mesmo tempo conquistar o apoio (e a crítica) de milhões de pessoas ou grupos que comentam suas ações todos os dias, seja nas interações que o autor chama de face-a-face, na internet, na televisão, enfim, nos diversos meios de comunicação. Em junho de 2015, a artista lançou em seu perfil do *Instagram* (fazendo uma parceria entre a rede social e sua fundação *Happy Hippie*) uma campanha em prol da visibilidade de transexuais e não binários, mostrando suas histórias e o amor e apoio que recebem de suas famílias. A campanha se chamou *#InstaPride* e chamou grande atenção para a causa (cf. Fig. 1). A artista explicou em entrevista à revista *TIME* o motivo de ter escolhido especificamente esta rede social:

É tão ruim. Você olha o *Instagram* e pensa, ‘Eu não sou assim’. E isso faz você se sentir uma merda. Você começa a ver as fotos e vê todas aquelas pessoas com as quais você nunca vai parecer e elas têm tantos seguidores e tantos amigos. É por isso que queremos fazer isso (a campanha) pelo *Instagram* – chega dessas imagens. Vamos receber algumas curtidas em umas fotos reais. (CYRUS, 2015, tradução nossa)¹⁵

¹⁵ “It’s so bad. You look at Instagram and you think, ‘Oh, I don’t look that way.’ And it makes you feel like s—. You start scrolling and you see all these people you’ll never be like and they have so many followers and so many friends. That’s why we want to do it through Instagram—enough of these pictures. Let’s get some likes on some real pictures.” Disponível em <http://time.com/3918308/miley-cyrus-transgender-rights-instapride/>. Acesso em 27/05/2016.



Figura 1. Bastidores do ensaio fotográfico da campanha #InstaPride¹⁶

Mas foi em agosto de 2015 que a cantora teve um dos atos mais comentados em sua carreira, alcançando maiores proporções. Escolhida como a apresentadora do ano do MTV *Video Music Awards*, fez uma performance nos minutos finais da premiação, começando com um discurso escrito pela artista e falado pelos jovens que apareceram na campanha #InstaPride e que dividiram as falas, formando uma mensagem inteira (cf. Fig. 2):

Cada um de nós aqui tem uma história, assim como todos os artistas que cantaram sobre as suas e que estiveram no palco esta noite, e assim como todos nesse local, todos que estão assistindo em casa esta noite, e assim como todas as pessoas ao redor do mundo que não fazem ideia de que essa noite sequer existe, quando é algo tão importante para todos nós. Quando você pensa assim, pode fazer tudo isso parecer tão desimportante, mas a verdade é que essa noite importa, e por quê? Por causa das mentes pegajosas, jovens e impressionáveis do nosso futuro que estão assistindo a todos nós nesse momento. Mas não é sempre pelo o que nós fazemos enquanto todos estão olhando. Às vezes é sobre o que somos quando eles não estão. Ser um humano vem com algumas responsabilidades, sendo as nossas maiores cuidar dos animais, do planeta e um do outro. Sempre diga o que você quer dizer, e signifique o que diz. E nas palavras da apresentadora da noite, e última a performar, “foda-se falar, e apenas faça!” (CYRUS, 2015, tradução nossa, informação verbal)¹⁷

¹⁶ Disponível em <http://cdn0.dailydot.com/cache/a8/6b/a86bf5f5570bc4538eb7f338093272e0.jpg>. Acesso em 27/05/2016

¹⁷ “Each of us standing up here has a story, just like all the artists that sang about theirs and stood on the stage tonight, and just like everyone in this room and everyone watching at home tonight, and just like all the people around the world that have no idea that tonight even exists, when it’s such a big deal to all of us. When you think of it that way, it can make all seems so unimportant, but the truth is: tonight does matter, why? Because of all the sticky, young, impressionable minds of our future that are watching all of us right now. But It isn’t always about what we do when everyone is watching. Sometimes it’s about who we are when they’re not. Being human comes with some responsibilities, our greatest ones being taking care of the animals, the planet and each other. Always say what you mean and mean what you say. And in the words of tonight’s hostess and our next and final performer, ‘fuck talking about it and just do it!’” Disponível em <http://www.mtv.com.br/programas/vma/episodios/vma-2015-assista-ao-show-completo/video/the-happy-hippie-foundatio-n-announces-a-surprise-vma-finale-performance-1236047/>. Acesso em 28/05/2016.



Figura 2. Discurso dos membros da fundação *Happy Hippie*, escrito por Miley.¹⁸

Além de colocar apenas membros da comunidade LGBT no palco para o discurso (dando ênfase nas questões de gênero), Miley em seguida deu continuação à performance (cf. Fig. 3), que contou com a presença de trinta transexuais e *drag queens* junto a ela no palco (muitas delas amigas de Miley e participantes do programa norte-americano da emissora *Logo TV*, *RuPaul's Drag Race*, a maior competição de *drag queens* da mídia internacional). A música escolhida para a apresentação, *Dooo It!*, é de seu mais recente álbum gratuito e traz, na letra, um pedido de paz.

É importante pontuar que o *MTV Video Music Awards* é uma premiação anual exibida ao vivo, em horário nobre (sempre em noites de domingo), e lá estava Miley Cyrus, levantando questões envolvendo gênero, sexualidade e padrões de beleza, e dando visibilidade a causas raramente vistas na mídia americana (principalmente na televisiva). Era de se esperar que a performance gerasse os mais diversos comentários. Enquanto a revista *Rolling Stone* definiu a performance como a melhor da noite¹⁹, a *Billboard* a definiu como caótica, focando mais nas roupas da artista e na música e deixando de lado a parte política.²⁰ Na internet não se falava de outro assunto no dia seguinte (principalmente na esfera dos admiradores da cultura pop), e dentro do próprio movimento LGBT as opiniões eram as mais diversas. Houve os que adoraram a iniciativa da artista e os que não acreditaram nela, vendo tudo como uma tentativa de manipular a comunidade em busca de um mercado consumidor para a sua música, transformando as convidadas em meros objetos de palco.

¹⁸ Disponível em http://assets.rollingstone.com/assets/2015/list/mtv-vmas-2015s-20-best-and-worst-moments-20150831/items/best-the-happy-hippie-instaprime-squad-20150831/207759/medium_rect/1440995404/720x405-GettyImages-486023574.jpg. Acesso em 27/05/2016.

¹⁹ Disponível em <http://www.rollingstone.com/music/lists/mtv-vmas-2015s-20-best-and-worst-moments-20150831/best-the-happy-hippie-instaprime-squad-20150831>. Acesso em 27/05/2016

²⁰ Disponível em <http://www.billboard.com/articles/events/vma/6678795/vmas-2015-tv-review-miley-cyrus-bad-trip>. Acesso em 27/05/2016.



Figura 3. Performance de Miley no palco do *MTV Video Music Awards 2015*.²¹

Miley também lançou, ao longo do ano, uma coleção com dois batons em parceria com a marca *MAC*, para a campanha *Viva Glam*, que sempre apoia as pesquisas para a cura da AIDS. A artista (que recebeu o prêmio de inspiração do ano da amfAR²² em 2015) não só fez a campanha como também participa das pesquisas, sendo esta uma das causas mais abraçadas por ela, visto o preconceito que incide sobre o LGBT envolvendo a doença. Por fim, um de seus atos mais controversos foi, sem dúvida, o figurino que usou em um show de sua pequena turnê *The Milky Milky Milk Tour*, no fim de 2015 (cf. Fig. 4). Usando seios falsos e uma prótese de pênis, Miley decidiu que essa seria uma boa ideia para homenagear transexuais e desconstruir padrões de gênero. A reação da comunidade LGBT foi instantânea: houve os que acharam uma ideia divertida e interessante e os que acharam extremamente desrespeitoso e insensível com a causa, por associar gênero apenas a órgãos sexuais.



Figura 4. Miley usando figurino controverso no palco de sua turnê.²³

Apesar das polêmicas, não se pode negar que Miley tem dado uma importante visibilidade ao setor, dando um espaço para que pessoas que nunca estariam na mídia

²¹ Disponível em <http://lovelace-media.imgix.net/getty/486018936.jpg?>. Acesso em 27/05/2016.

²² Organização internacional sem fins lucrativos que se dedica a apoiar a pesquisa da cura da AIDS.

²³ Disponível em <http://i.imgur.com/bAFVvNF.jpg>. Acesso em 27/05/2016.

internacional falem e lutem por seus direitos, independentemente da aprovação da sociedade norte-americana. Miley tem sido uma espécie de publicidade mediada do movimento LGBT. De acordo com Thompson (2014), este tem sido um fenômeno decorrente das novas mídias.

O desenvolvimento da mídia criou novas formas de publicidade que são bem diferentes da publicidade tradicional de copresença. A característica fundamental destas novas formas é que, com a extensão da disponibilidade oferecida pela mídia, a publicidade de indivíduos, ações ou eventos não está mais ligada à partilha de um lugar comum. (...) O desenvolvimento da mídia deu origem assim às novas formas de ‘publicidade mediada’ que vêm assumindo um importante papel no mundo moderno. (THOMPSON, 2014, p. 168)

Miley tem agido como uma líder de opinião, levando os questionamentos de boa parte de uma minoria ao conhecimento do público geral e influenciando-o a conhecer a causa e respeitá-la, ao mesmo tempo em que tenta abranger toda essa minoria. Porém, o que muito se questiona na comunidade LGBT é se Miley está realmente representando todo o movimento. Devido à polêmica e ao teor controverso de muitos de seus atos, as opiniões dentro do próprio setor são bastante divididas. Para refletir sobre essa questão, nossa pesquisa buscou ouvir pessoas LGBT para analisar tal representatividade.

2. A Representatividade de Miley Cyrus no LGBT

Antes de analisar a representatividade de Miley, é preciso contextualizar a comunidade LGBT no atual momento histórico. Desde a Revolta de *Stonewall*, em 1969, nos Estados Unidos, momento em que o movimento se articulou pela primeira vez em busca da igualdade de direitos, o movimento vem se firmando com cada vez mais força ao redor do mundo. Antigamente usava-se no Brasil a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), passando por GLBT em todo o mundo, sendo reordenada e atualmente chamada de LGBT universalmente. A comunidade tem usado, assim como outras minorias sociais, a internet e, principalmente, as redes sociais para se articular e lutar pelo respeito e aceitação da sociedade heteronormativa e cisnormativa, bem como pelos direitos civis que até hoje não foram completamente conquistados. Sobre esse agrupamento virtual, Lévy (2010), ao discutir sobre a cibercultura e movimentos sociais, aponta:

Um grupo humano qualquer só se interessa em constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal do coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de aprender e de inventar do que um coletivo inteligentemente gerenciado. O ciberespaço talvez não seja mais do que o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva. (LÉVY, 2010, p. 133)

Através das redes sociais, devido à quebra de fronteiras de espaço e de tempo proporcionadas, o movimento consegue se articular de maneira mais forte do que nunca, e consegue obter resultados refletidos não apenas na sociedade civil como na própria mídia. De acordo com Correa et. al (2015):

A comunidade composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, representada pela sigla LGBT, dentre as demais comunidades, que sempre lutaram por seus direitos pelo mundo, ganharam na internet apoio, principalmente, vindo de grandes empresas - marcas mundialmente famosas - as quais se posicionaram a favor dos direitos LGBT, entre eles, o casamento igualitário. (CORREA et. al, 2015, p. 1)

É nas redes sociais que a sociedade pode se expressar, de certa forma, mais livremente, e é principalmente nelas que as informações são publicadas e divulgadas num espaço de tempo mais curto do que nunca. As minorias sociais, como o LGBT, podem se articular em grupos virtuais e denunciar atos de preconceito das mais diversas formas e organizar protestos e outras formas de militância. Uma das maiores críticas da comunidade é a falta de representação na mídia, como indicam os autores acima citados:

Durante muito tempo a representação da comunidade LGBT na mídia, mais especificamente ao que se refere à propagação de bens de consumo nesses meios, representava uma parcela de zero ou quase nada, e quando era feita, aparecia de forma limitada e caricata, ficando longe de mostrar a verdadeira realidade que essa comunidade vivenciava. Felizmente esse quadro, apesar de ainda de forma lenta, vem sendo modificado, sobretudo com o apoio de marcas e anunciantes que acordaram para a necessidade de mudanças em seu posicionamento. (CORREA et. al, 2015, p. 4)

Assim, resolvemos analisar o papel de Miley Cyrus como representante LGBT através de um questionário²⁴ anônimo realizado no *Facebook*, uma das redes sociais de maior articulação da comunidade LGBT, à qual foi direcionado. Publicada na linha do tempo do autor deste trabalho e em diversos grupos com grande presença dessa minoria, obtendo um espaço amostral de 315 respostas entre 30/04/2016 e 08/05/2016, a pesquisa é composta por seis perguntas, sendo quatro objetivas e duas subjetivas. Os nomes dos respondentes são fictícios e não designam gênero. A primeira pergunta (cf. Fig. 5) pedia a orientação sexual dos participantes, mostrando que a maioria (53%) do público é composta por gays, 29,8% bissexuais, 10,5% lésbicas. “Outros” corresponderam a 5,4% das respostas e Assexuais, 1%.

²⁴ Disponível em <https://docs.google.com/forms/d/1tu3G0NqhZeGhSvquJNDun-YJ9xdsAAQ3YoaNizluC5M>. Acesso em 27/05/2016

Qual a sua orientação sexual? (315 respostas)

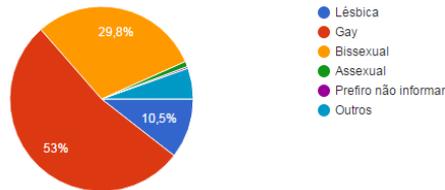


Figura 5. Primeira pergunta do questionário.²⁵

Em seguida, foi perguntada a identidade de gênero dos participantes (cf. Fig. 6), sendo a maioria cisgênera (84,8%). 7,3% correspondem aos que preferiram não informar, enquanto os não binários somam 5,7%, trans*²⁶ 1,3% e “outros”, 1%.

Qual a sua identidade de gênero? (315 respostas)

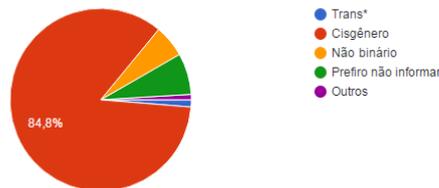


Figura 6. Segunda pergunta do questionário.²⁷

A terceira pergunta (cf. Fig. 7) questionava a representatividade na mídia. 53,7% se sentem razoavelmente representados, enquanto 41% não se sentem representados e 5,4% do público se sente muito representado. Os dados mostram que ainda há muito a se caminhar nesse aspecto.

O quão representado (a) você se sente pelos meios de comunicação (internet, televisão, jornais, livros etc.)? (315 respostas)

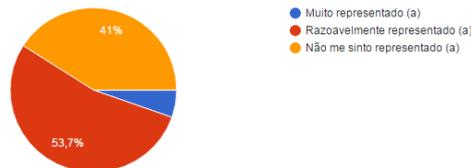


Figura 7. Terceira pergunta do questionário.²⁸

A quarta pergunta (cf. Fig. 8) envolvia a figura pública de Miley Cyrus. Foi perguntada a relação que o público tinha com a artista, visto que quanto maior a relação de

²⁵ Disponível em https://lh3.googleusercontent.com/-GbQLrdw83Sc/V0j2_10Nk4I/AAAAAAAAABY/RgxFoKjhX1oNm4e-WdoX3WfUOWlo79oCwCCo/s597/pesquisa1.png. Acesso em 27/05/2016.

²⁶ Termo guarda-chuva que engloba as diferentes nuances da transexualidade.

²⁷ Disponível em <https://lh3.googleusercontent.com/-CGUszVCQt0s/V0j2n4tY9MI/AAAAAAAAABM/n0ydODRDQAQO882WauBwMEo5IkH-q8WkgCCo/s597/perguntas2.png>. Acesso em 27/05/2016.

²⁸ Disponível em <https://lh3.googleusercontent.com/-kOG1cERyNVc/V0j2oMzp22I/AAAAAAAAABQ/8a9NrDItrTAHlerbN8IO4BRsLXeaU57-wCCo/s650/pesquisa3.png>. Acesso em 27/05/2016

proximidade, maior a probabilidade de se estar informado sobre o ativismo dela. 46,3% do público se considera razoavelmente próximo, enquanto 27% se considera extremamente próximo e 26,7% nada próximo.

O quão próxima é a figura de Miley Cyrus para você? (315 respostas)

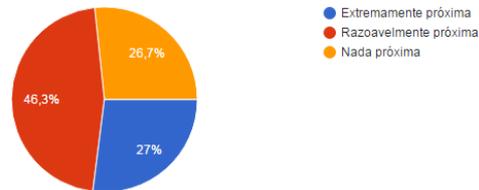


Figura 8. Quarta pergunta do questionário.²⁹

A quinta e a sexta perguntas são facultativas, subjetivas e estão relacionadas. A quinta perguntava “Que tipo de relação você desenvolve com a figura de Miley Cyrus? Explique”. Das 220 respostas, a maioria (57,7%) envolvia uma relação positiva (normalmente fãs da artista, admiradores frequentes que a elogiam por passar uma imagem de rebeldia e liberdade, além de pessoas que acompanham de longe e possuem certa simpatia). De acordo com um dos entrevistados:

Relação de interesse e empatia. Apesar de suas ações integrarem um cenário em que muitos artistas, através de recursos midiáticos, batalham pelo título de agente social e colaboradores da equidade, Miley me cativa. Isso se deve ao fato de que seus atos me parecem mais genuínos do que a maioria dos que são noticiados. (MÁRCIA, 2016)

Nessa pergunta, uma resposta em especial nos chamou atenção. Apesar de não ter sido contabilizada no questionário (na opção outros, em orientação sexual, a pessoa informou ser heterossexual e, além disso, cisgênera, portanto, não é considerada LGBT), ela mostra um impacto interessante da representatividade de Miley:

Bom, eu sou uma mãe que, por amor ao meu filho, me envolvi e abracei a comunidade LGBT, que eu aprendi a amar e apoiar. Hoje, com um grupo de outras pessoas (gays, lésbicas, transgênicos e até heterossexuais) ajudo quem precisa em nossa pequena "ONG" em São Gonçalo/RJ. (...) Meu filho é fã da Miley Cyrus desde novo, na qual eu não entendia de começo, e agora, com a representatividade dela ultimamente, me sinto mais forte e inspirada para prosseguir com nossas atividades. E até para respeitá-la não só como pessoa, mas como o espírito puro e amável que ela tem. (MARTA, 2016)

37,7% mostrou indiferença, afirmando que não tinha nenhum tipo de relação. 4,5% correspondem às relações negativas (pessoas que criam um afastamento por não gostarem da imagem da artista ou por não concordarem com ela), apontando repulsa por atitudes

²⁹ Disponível em <https://lh3.googleusercontent.com/-DiDoVy0z4Lc/V0j2oeSfsnI/AAAAAAAAABU/1h6nCvXrHX4hhpryWskQwgcYgInyRFZgCCo/s597/pesquisa4.png>. Acesso em 27/05/2016.

racistas ou de apropriação cultural feitas por Miley (como usar *dreads* e outros itens da cultura negra, além de palavras pejorativas).

A sexta pergunta era “Você está ciente das ações de Miley Cyrus junto ao movimento LGBT? Você concorda com o que ela tem feito? Explique”. Das 245 respostas, a maioria (51,4%) está ciente e concorda. Era de se esperar que muitos destes sejam também fãs da artista. Muitos afirmaram sentir-se mais livres para se expressar devido ao ativismo dela, e têm conhecimento da fundação *Happy Hippie*, bem como da performance no *MTV Video Music Awards* em 2015. Muitas vezes, na relação de fã-ídolo, os fãs tendem a acompanhar tudo relacionado à carreira da figura pública e, no caso de Miley, sentem-se representados social e politicamente por seus atos. Thompson (2014) comenta essa relação:

De uma forma ou de outra, muitos indivíduos nas sociedades modernas estabelecem e sustentam relações de intimidade não recíprocas com outros distantes. Atores e atrizes, astros e estrelas e outras celebridades da mídia se tornam familiares e íntimas figuras, muitas vezes assunto de discussão e de conversa rotineira na vida diária dos indivíduos. Mas é claro também que em alguns casos estas relações não recíprocas de intimidade podem assumir uma importância maior na vida de certos indivíduos. (THOMPSON, 2014, p. 279)

Em segundo lugar vêm os que não estão cientes, representando (37,6%), o que mostra que boa parte do LGBT não é representada, já que nem têm conhecimento das ações dela. 7,8% está ciente e concorda parcialmente com a artista. Dentro desse grupo incluem-se fãs e admiradores da artista, além de pessoas que apenas acompanham as notícias sobre ela. Os resultados apontaram que Miley representa apenas uma parte do LGBT e não consegue representar o todo, principalmente por falta de maturidade. Uma das respostas que mais nos chamou atenção mostra que Miley ainda tem muito a caminhar em seu ativismo.

Querendo ou não, o discurso dela pode ser representativo pra alguém. Contudo, não podemos colocá-la como a porta-voz ideal de direitos LGBT, pois ela não representa a comunidade como um todo e seu discurso não é tão abrangente. Além de que, o fato da Miley até hoje só ter assumido publicamente relacionamentos sérios héteros, ter utilizado diversas formas de apropriação cultural em suas produções, ter um de seus clipes relacionados com práticas pedófilas e entre outros, para mim, me transmite um distanciamento por parte da Miley do discurso para a prática, uma certa imaturidade em sua militância. (FELIPE, 2016)

3,3% está ciente, mas não concorda com a artista. Os motivos são variados. Segundo alguns entrevistados, há pessoas que exercem melhor esse papel de ativista, já que Miley representa apenas os socialmente privilegiados ou passa uma imagem alegórica do movimento (mostrando sempre muita festa e promiscuidade, e afirmam que nem todo o LGBT é assim). Foi interessante observar que das pessoas não cisgêneras (15,2%), que são

as que menos têm visibilidade na mídia, nenhuma discorda dos atos de Miley, e apenas uma tem uma relação negativa com a figura da artista, ou seja, os que menos têm visibilidade mostraram ser os que mais se sentem representados.

Considerações Finais

Após a pesquisa, pudemos ver que Miley representa em parte o cenário LGBT. Por se tratar de um grande espectro de diferentes minorias, representar todo esse movimento é uma tarefa extremamente difícil. Miley vem tentando de diversas formas dar visibilidade à causa e ao movimento, e é bastante válido o que ela tem feito. Nunca haverá alguma figura pública que represente, de fato, todo o LGBT ou qualquer outra minoria social, visto que sempre há divergências entre os membros. Tendo isto em conta, é interessante observar que o que ela precisa, de acordo com as palavras de muitos resultados da pesquisa e de acordo com as nossas próprias palavras, é amadurecer suas ideias, ir mais a fundo no que ela está tentando representar, pesquisar mais sobre as diferenças dentro do movimento e pensar mais antes de praticar um ato de militância, tendo em vista a proporção que suas atitudes podem tomar. Seria interessante dar continuidade à pesquisa em escala maior, com entrevistas que poderiam ser levadas para fora do mundo *online* e em maiores centros LGBTs (dentro e fora de universidades). Pode-se, ainda, analisar a atuação de outras figuras públicas dentro do LGBT ou até mesmo de outras minorias sociais.

Referências Bibliográficas

ÁRAN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.28, pp. 129-147, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n28/07.pdf>. Acesso em 28/05/2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236p.

CORREA, E. N. S. et al. “**As gays também consomem**”: a importância da representação da comunidade LGBT na mídia comercial. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Belém: UFPA, 2015. pp. 1-4.

CYRUS, Miley. **Sem Censura**. In: Elle Brasil, n. 330, p. 254, Ed. Abril, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 272p.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 360p.